

>> *Temática Especial 3*

## Entrevista com Breiller Pires – Visões do campo da comunicação social/jornalismo sobre o racismo no esporte/futebol e ações antirracistas

Breiller Pires<sup>1</sup>  
Cristiano Mezzaroba<sup>2</sup>

**Resumo:** Entrevista realizada com o jornalista Breiller Pires, atualmente na ESPN Brasil e “The Player’s Tribune”, por Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT-CNPq), em outubro de 2024, para compor a Seção Temática Educação antirracista e futebol.

**Palavras-chave:** *Breiller Pires. Racismo. Esporte. Futebol. Educação antirracista.*

## Interview with Breiller Pires – Views from the field of media/journalism on racism in sport/football and anti-racist actions

**Abstract:** Interview conducted with journalist Breiller Pires, currently with ESPN Brasil and “The Player’s Tribune”, by Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT-CNPq), in October 2024, for the Thematic Section Anti-racist education and soccer.

**Keywords:** *Breiller Pires. Racism. Sport. Football. Antiracist Education.*

## Entrevista con Breiller Pires – Miradas de los medios de comunicación/periodismo sobre el racismo en el deporte/fútbol y las acciones antirracistas

**Resumen:** Entrevista realizada al periodista Breiller Pires, actualmente en ESPN Brasil y “The Player’s Tribune”, por Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT-CNPq), en octubre de 2024, para la Sección Temática Educación antirracista y fútbol.

**Palabras clave:** *Breiller Pires. Racismo. Deporte. Fútbol. Educación antirracista..*

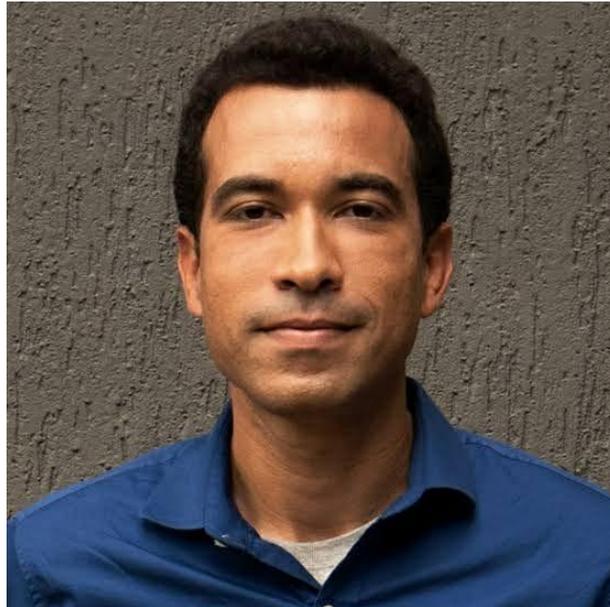
<sup>1</sup> Jornalista formado pela UFMG (2009). E-mail: [breiller@gmail.com](mailto:breiller@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UFSC), Professor da Universidade Federal de Sergipe e Bolsista PDE/CNPq, Coordenador da Linha Mídias, Torcidas e Movimentos antirracistas no futebol (INCT/CNPq). E-mail: [cristiano\\_mezzaroba@yahoo.com.br](mailto:cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

## 1 Entrevista

Com mais de uma década de atuação como jornalista esportivo, Breiller Pires trabalhou por cinco anos na revista Placar e foi editor de esportes da sucursal brasileira do jornal *El País*. Atualmente, é comentarista dos canais ESPN e editor-chefe do *The Players' Tribune* no Brasil. Suas reportagens mais destacadas envolvem temas como futebol, política, antirracismo e direitos humanos.

**Figura 1** – Breiller Pires



Fonte: Breiller Pires (2024)

**Cristiano Mezzaroba (CM):** Inicialmente gostaríamos de pedir que você, de forma abrangente, apresente e contextualize a sua trajetória acadêmica e profissional e, ao fazer isso, procure mobilizar quanto a uma possível aproximação na relação com o futebol/esporte e o racismo, e, atualmente, em relação à tua atuação (estudos, pesquisas, ações) quanto a uma educação antirracista.

**Breiller Pires (BP):** Sou jornalista formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2009. Comecei a cobrir esportes ainda na época da faculdade, como estagiário do Jornal Lance!, em Belo Horizonte. Já como repórter da Revista Placar, a partir de 2010, me aproximei da temática racial ao encontrar espaço para fazer matérias sobre racismo no futebol em um contexto mais abrangente, como uma reportagem especial a respeito da escassez de treinadores negros. Desde então, a pauta antirracista jamais saiu do meu radar, seja em apurações como repórter ou em análises como comentarista na ESPN, onde atuo cobrindo futebol há quase 10 anos. Alguns trabalhos meus, inclusive, foram adaptados em artigos acadêmicos, além de terem embasado pesquisas, publicações e estudos científicos.

**CM:** Como você observa o momento contemporâneo, tanto no Brasil, como no mundo, em relação ao racismo?

**BP:** O racismo não é um produto exclusivo do esporte, mas sua manifestação na esfera esportiva ajuda a entender o tempo de alerta que vivemos. Em 2020, em meio à pandemia, ocorreram dois episódios marcantes no esporte. Na NBA, jogadores do *Milwaukee Bucks* decidiram não entrar em quadra como sinal de protesto contra mais um caso de violência policial racista nos Estados Unidos: mesmo diante da comoção global pelo assassinato de George Floyd, o afro-americano Jacob Blake levou sete tiros pelas costas da polícia de Wisconsin ao tentar separar uma briga entre duas mulheres. Jogadores do Orlando Magic apoiaram a decisão dos adversários e, a partir daí, foram deflagradas uma sequência de jogos suspensos, por decisão dos atletas, e uma ameaça de boicote geral à liga. A paralisação só não foi adiante por intervenção de ativistas e políticos, que forçaram a NBA a se comprometer a dar visibilidade ao movimento *Black Lives Matter* e a instituir novos códigos antirracistas. Em seguida, outro fato inédito parou uma grande competição, dessa vez no futebol. Em jogo contra o PSG pela *Champions League*, Pierre Webó, ex-jogador camaronês e membro da comissão técnica do Istanbul Basaksehir, estava no banco da equipe turca quando o árbitro romeno Ovidiu Hategan o expulsou ao atender uma solicitação do quarto árbitro, Sebastian Coltescu, que o identificou pelo fone de ouvido como “o negro”. Indignado, Webó questionou: “Por que me chama de negro?”. O incidente provocou discussão à beira do gramado. Demba Ba, jogador francês de origem senegalesa do Istanbul, que estava no banco, se revoltou com o tratamento racista da arbitragem. Mbappé e Neymar também se juntaram aos protestos enquanto explicavam ao juiz que o que seu assistente havia feito era inadmissível. Por unanimidade, atletas dos dois times, negros e brancos, abandonaram juntos uma partida por causa do racismo pela primeira vez na história. Tanto na NBA quanto na *Champions League*, atletas mostraram que o *show* não pode continuar à sombra dos racistas, e que seus cúmplices também envergonham o esporte. Entretanto, vivemos agora, passados quatro anos do apogeu do *Black Lives Matter*, um momento de arrefecimento da causa antirracista. Não só no esporte, mas na sociedade como um todo, até mesmo como reflexo da ascensão de movimentos de extrema-direita ao redor do mundo. Vini Jr. tem sido reiteradamente perseguido por torcedores racistas na Espanha, nem por isso atletas voltaram a abandonar partidas. Pessoas negras seguem à mercê da violência policial, mas suas mortes não geram mais a mesma comoção vista diante dos assassinatos de Blake e Floyd. As pautas sobre diversidade e inclusão, aos poucos, têm desaparecido das metas de sustentabilidade das empresas. Trata-se de um momento que exige vigilância e ação em contragolpe do movimento antirracista para que os avanços da última década não se convertam em retrocessos.

**CM:** Em relação ao futebol de modo específico, como você analisa as situações que envolvem o racismo?

**BP:** Por meio das práticas esportivas de alto rendimento e suas respectivas dimensões populares, especialmente no futebol, desconstrói-se o mito que sugere a existência de uma “democracia racial” em países desiguais como o Brasil. Apesar dos inúmeros ídolos negros, a falta de diversidade em postos de comando no esporte, somada à banalização das ofensas racistas a atletas e aos regulamentos que blindam agressores, segue reproduzindo o *apartheid* em forma de *fair play*. Costuma-se dizer no Brasil que o racismo não passa simplesmente de um produto da desigualdade social, pelo fato de boa parte da população negra ainda carecer do acesso à educação superior e a serviços básicos. Mas o que explicaria, então, a escassez de

técnicos e executivos negros no futebol, já que a maioria dos que ocupam essas funções é composta por ex-jogadores que, em boa medida, também vieram das classes mais pobres? É difícil encontrar respostas plausíveis para indagações que negam ou relativizam a existência do racismo no país. Tal qual para a insensatez cada vez mais frequente de se rebater uma forma de preconceito com outra igualmente condenável. Sempre que um jogador brasileiro ouve ofensas discriminatórias fora do país, especialmente na América do Sul, as redes sociais são entupidadas com xingamentos que generalizam e estigmatizam outros povos. A típica insensatez do cidadão supostamente bem-intencionado que rebate racismo com xenofobia. Refletir sobre o racismo que nos cerca, um mal enraizado em vários cantos do mundo, é bem mais produtivo que qualquer tipo de revanchismo hipócrita. As indignações despertadas pela repercussão midiática de insultos racistas deveriam servir, antes de tudo, para abrir a mente de brasileiros que relativizam os próprios preconceitos. Porém, poucos fazem um exame de consciência para enxergar que comportamentos racistas se reproduzem diariamente diante de seus olhos. Na televisão, nas favelas, nas escolas, nas empresas, nos estádios. O velho mal da hipocrisia que faz muitos pensarem que, no Brasil, impera o “racismo velado”, ainda que seja patente e notória a ausência de negros em posições de comando, esferas de poder e no alto escalão de empresas. O racismo à brasileira é flagrante, cristalizado por instituições de todas as vertentes. E o futebol nos revela essa faceta desde os tempos em que negros eram vetados pelos clubes, desconstruindo o mito da “democracia racial”. Cânticos racistas são rotineiros nos estádios, mas, até hoje, apenas dois clubes (Grêmio e Esportivo) receberam punições esportivas por insultos discriminatórios protagonizados por suas torcidas. De tão frequentes, os episódios de racismo em território nacional acabam rapidamente esquecidos. Esta, aliás, é uma sociedade que premia os racistas. Celebridades e influenciadores que discriminam pedem “desculpa a quem se sentiu ofendido”, tocam o barco como se nada tivesse acontecido e, não raro, recebem promoções de emprego, assinam contratos milionários com algum concorrente, descolam novos patrocinadores, aparecem no *Big Brother* ou se elegem para cargos públicos.

**CM:** Você tem percebido a existência de alguma(s) ação(ões) antirracistas em relação ao futebol brasileiro e mundial? Em caso afirmativo, poderia comentar sobre tais ações, ou seja, como você analisa essas mobilizações antirracistas no futebol?

**BP:** A mercantilização do esporte indiscutivelmente reprime o atleta em emitir posicionamentos sobre questões sociais. Personalidades negras, por exemplo, sabem que podem enfrentar resistência de marcas, patrocinadores e torcedores ao adotar discursos contundentes contra o racismo. Até mesmo pelo que já aconteceu no passado, em que ex-jogadores como Aranha e PC Caju tiveram a carreira prejudicada por causa de suas posições antirracistas. No entanto, vejo um movimento muito interessante de atletas dispostos a usar sua notoriedade para levantar bandeiras políticas. Exemplos como Vini Jr., Lewis Hamilton, LeBron James, Richarlison e Paulinho mostram que, aos poucos, grandes esportistas têm se levantado contra injustiças sociais, desigualdades e o racismo, ajudando a levar essas discussões a um público que, talvez, nem se interesse tanto por política, mas acaba instigado a pensar devido ao posicionamento de ídolos e referências do esporte. É evidente que muitos outros, principalmente os de maior destaque, poderiam seguir o mesmo caminho, mas não deixa de ser um alento perceber essa politização e o despertar da consciência racial entre atletas bem-sucedidos, o que também contribui para ressaltar um novo momento em que marcas e patrocinadores agora se dispõem, ainda que por interesse comercial, a apoiar personalidades

que se posicionam. No âmbito das instituições, entidades como a FIFA e o COI passaram a ser mais sensíveis às pautas antirracistas, o que não significa que alcançaram avanços consideráveis além de campanhas pontuais e protocolares contra o racismo. A esfera de poder do esporte, sobretudo no futebol, ainda continua monopolizada por homens brancos, incapazes de instituir medidas contundentes em combate à violência racista. Todavia, marcos da sociedade civil como o surgimento do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, no Brasil, por exemplo, que ajudou a qualificar a cobertura da imprensa sobre casos de racismo, a criar um ecossistema de mobilização permanente e a sensibilizar instituições como a CBF, são ações que devem ser exaltadas e incentivadas para a construção de uma cultura mais igualitária no meio do esporte.

**CM:** Tendo em vista a sua formação no campo do jornalismo, como foi abordada a dimensão étnico-racial ao longo das experiências acadêmicas?

**BP:** Na minha época de graduação na UFMG, havia uma média de 2 a 3 alunos negros — entre 50 por turma — no curso de Comunicação Social. Ao longo de quatro anos, tive apenas dois professores negros, sendo que um deles trazia a abordagem étnico-racial de forma muito latente em suas aulas. Por ter sido meu orientador no projeto de conclusão de curso, o professor Dalmir Francisco ajudou não só a despertar minha consciência racial e a me reconhecer como uma pessoa negra de pele clara, mas também a me apresentar uma perspectiva de atuação profissional sob o viés antirracista.

**CM:** E hoje, como profissional do campo jornalístico que trata da temática étnico-racial, como você analisa a discussão envolvendo raça, etnia e antirracismo no contexto da formação de jornalistas no Brasil?

**BP:** Em comparação com minha época de graduação, acredito que o advento das cotas raciais, que ainda não existiam no fim dos anos 2000, contribuiu para o aumento da diversidade entre estudantes de jornalismo e, conseqüentemente, para uma abordagem mais crítica e sensível à temática étnico-racial nos cursos de jornalismo. Na UFMG, por exemplo, não existia nenhuma disciplina ou projeto de extensão com foco em questões sobre raça. Hoje já há disciplinas e coletivos direcionados ao aprofundamento do tema, assim como mais estudos e pesquisas voltados para a causa antirracista. Ainda assim, é necessário maior investimento na formação de jornalistas por meio do letramento racial que comece bem antes do ensino superior, sendo amplamente difundido nas escolas a partir do ensino fundamental.

**CM:** Qual(is) outros(as) jornalistas brasileiros você reconhece como envolvidos/engajados na problemática étnico-racial, não apenas em relação ao esporte/futebol, mas como agentes cidadãos que problematizam tais questões e ajudam a sociedade brasileira a pensar/atuar quanto aos aspectos étnico-raciais?

**BP:** Flávia Oliveira (GloboNews), Cecília Olliveira (Intercept Brasil), Tiago Rogero (The Guardian), Luiz Teixeira (Sportv) e Pedro Borges (Alma Preta).

**CM:** Como você analisa o papel do poder público e do Estado em relação à temática do racismo/antirracismo?

**BP:** Apesar de avanços inegáveis, como as políticas de cotas raciais nas universidades e no serviço público, o Estado brasileiro permanece leniente e incapaz de combater as desigualdades que aprofundam as cicatrizes da escravidão no país. Um exemplo é a mudança recente no enquadramento de agressões racistas, antes atenuadas pelo dispositivo das injúrias raciais, como crimes de racismo. Embora a medida seja bem-vinda e necessária, o sistema judiciário ainda não tipifica adequadamente as violações discriminatórias, a ponto de racistas notórios seguirem impunes e, não raro, socialmente recompensados por seus delitos.

**CM:** Comente também sobre como você tem observado a mídia comercial brasileira (grandes empresas) e a tematização e/ou enfrentamento da questão étnico-racial.

**BP:** Em um sistema de mídia regido pela lógica capitalista, a espetacularização do racismo soa mais interessante aos meios de comunicação que sua própria compreensão crítica e político-social. Por isso, a cobertura sobre temas raciais, salvo raras exceções, costuma se restringir a eventos pontuais de violência racista, com mais sensacionalismo que jornalismo envolvido. Isso contribui para uma visão deturpada do problema, como se o racismo no Brasil se resumisse a ataques discriminatórios. No jornalismo esportivo, por exemplo, se aborda muito mais uma ofensa racista a torcedores ou atletas do que a ausência de profissionais negros em posição de comando, como dirigentes e treinadores. Some-se à cobertura espetacularizada do racismo a falta de diversidade racial nos veículos de imprensa, embora a representatividade seja um tema cada vez mais debatido no universo corporativo. A maioria dos canais e jornais, assim como a parte majoritária das empresas no país, segue praticando a diversidade alegórica, em que usa o grupo minoritário de pessoas negras entre sua força de trabalho como pedágio para o discurso de responsabilidade social, em vez da diversidade de valor, em que, de fato, se entende a pluralidade de vozes, raças, gêneros e classes sociais como um princípio básico para a perenidade de seus negócios.

**CM:** E os grupos midiáticos considerados como de militância/ativistas, como você observa a produção e repercussão sobre o jornalismo por eles produzidos?

**BP:** Coletivos de mídia antirracistas costumam ser tachados como panfletários ou partidários, mas é preciso enfatizar que a luta contra o racismo é, essencialmente, política. Em tempos de redes sociais e hiperinformação, ao menos um aspecto positivo é a possibilidade de democratizar o acesso a conteúdos e notícias que prezam pelo letramento racial, sobretudo aqueles produzidos por pessoas negras, a fim de contrapor a ausência de cobertura permanente ou razoavelmente profunda na grande mídia. Inclusive, “militar” por uma sociedade mais justa, igualitária e pautada pela garantia dos direitos humanos é dever de todo jornalista, como estipulado no Código de Ética da profissão, embora muitos se eximam do cumprimento dessa obrigação sob a rasa justificativa da neutralidade.

**CM:** Qual(is) referências teóricas foram lhe aproximando da temática sobre raça/etnia e lhe auxiliaram a pensar a respeito dessa temática que hoje é considerada imprescindível a qualquer área de formação?

**BP:** Ainda na época de faculdade, pude ter contato com a obra de Lélia Gonzalez, mineira e grande mentora do Movimento Negro, e suas percepções sobre a ideia de uma identidade afro-latino-americana. Outra referência fundamental foi a obra de Sueli Carneiro, que, além da perspectiva de gênero também trazida por Lélia, reflete sobre o colorismo e a maneira como o racismo afasta pessoas negras de pele clara de sua negritude, elementar na desconstrução de mitos arcaicos e enraizados em nossa cultura como o da “democracia racial” e do racismo científico que chegou até mesmo a embasar o veto a jogadores negros na seleção brasileira de futebol, na década de 1950. Outras referências importantes foram as obras de Silvio Almeida, sobre racismo estrutural, e Abdias do Nascimento, sobre representatividade e representação negras, e Luís Gama, que, mesmo antes da difusão do conceito, já refletia sobre passabilidade e era crítico de pessoas negras que emulavam comportamentos de brancos e, assim, ajudavam a perpetuar o racismo.

**CM:** E hoje, com a experiência que você tem como jornalista, quais obras sugeriria para quem quiser adentrar e se aprofundar na temática étnico-racial?

**BP:** Lugar de negro (Lélia Gonzalez), Dispositivo de racialidade (Sueli Carneiro), Racismo estrutural (Silvio Almeida), Profecia (Luís Gama) e O Negro no Futebol Brasileiro (Mario Filho).

**CM:** Gostaria de sugerir filmes, séries, documentários e veículos/sites midiáticos que ajudam a ampliar o repertório de conhecimentos sobre o racismo?

**BP:** A 13ª Emenda (documentário), Projeto Querino (*podcast*), 12 anos de escravidão (filme), Alma Preta (*site*), Olhos que condenam (série), Moonlight (filme) e Invictus (filme).

**CM:** Deixamos este espaço para palavras finais sobre a temática do dossiê – Educação antirracista e futebol.

**BP:** Foi um prazer responder às perguntas e contribuir com o dossiê, uma iniciativa louvável em busca de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

### **Contribuições da autoria**

Breiller Pires: Entrevistado.

Cristiano Mezzaroba: Elaboração das questões; Revisão; Formatação do texto.

**Data de submissão:** 10/10/2024

**Data de aceite:** 14/10/2024